



ANTES, DURANTE E DEPOIS: OS PROCESSOS CONSTITUTIVOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE

ANDRESSO MARQUES TORRES

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

RESUMO

a formação de professores para atuar na educação básica está cada vez mais sendo discutida nas várias esferas educacionais. Isso se deve, em grande parte, as dificuldades enfrentadas por professores iniciantes, que através de relatos apontam a insatisfação em prosseguimento na carreira. O objetivo é perquirir a prática pedagógica, buscando significados e se os elementos que entendemos constitutivos da prática pedagógica estão presentes no contexto das escolas. A metodologia adotada baseia-se na pesquisa qualitativa, houve a realização de uma entrevista semi-estruturada e observação *in loco*. Fundamentamo-nos em teóricos como: Libâneo (2013), Nóvoa (2006) Luckesi (2011), entre outros. De início é possível afirmar que, a profissão docente encontra hoje percalços históricos, nas escolas há a presença ainda de técnicas tradicionais a figura do professor é tida como chefe, e o único que pode falar sem ser interrompido.

Palavras – chave: Prática Pedagógica. Desafios em ser professor. Contemporaneidade.

ABSTRACT

the training of teachers to work in primary education is increasingly being discussed in various educational spheres. This is due, in large part, the difficulties faced by beginning teachers, which through reports point to dissatisfaction in further career. The goal is to assert the pedagogical practice, seeking meanings and understand the elements that constitute the pedagogical practice are present in the context of schools. The methodology is based on qualitative research, was conducting a semi-structured interview and on-site observation. We base ourselves on theoretical as Libâneo (2013), Nóvoa (2006) Luckesi (2011), among others. At first it can be said that the teaching profession today is historical mishaps in schools there is still the presence of traditional techniques the teacher's figure is seen as chief, and the only one who can speak without being interrupted.

Key - words: Teaching Practice. Challenges in being a teacher. Contemporaneity.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos.

Rubem Alves

O texto é resultado da atividade prática desenvolvida como requisito da disciplina de Didática e Prática Pedagógica II, do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas. O objetivo foi aproximar os discentes da prática pedagógica, pensando-a como futuro campo de atuação, sendo assim, está acrescido como requisito, um plano de aula. O texto resulta das ações desenvolvidas e reflexões feitas a partir de leituras anteriores. Nesse sentido, nossa ação está pautada em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino em uma escola de educação básica, localizada na cidade de Santana do Ipanema – AL.

Conforme supracitado, o trabalho envolveu a aproximação dos discentes na prática pedagógica cotidiana, para isso, foi realizada uma observação, com o propósito de refletir sobre: planejamento, relação professor/aluno, relação aluno/aluno

entre outros elementos constitutivos da prática docente, a priori, esses elementos foram pensados e problematizados dentro do espaço observado. Levando em consideração as características físicas da sala de aula, a mesma apresenta espaço amplo de fácil locomoção ao mesmo tempo em que não apresenta ventilação satisfatória, quanto à organização do espaço pela professora, configura-se, a fila, como método de organização, há a presença de 19 alunos, 05 meninos e 14 meninas. De início foi solicitado à professora seu plano de aula, mas, a mesma afirmou que não possuía um específico, pois, trabalhava conteúdos voltados para a área de leitura e escrita e as operações matemáticas, sob argumentação do ano em que se encontrava a turma, pois, segundo ela, o que mais a turma precisava no momento eram esses saberes. Conforme acima mencionado, realizamos uma observação na sala de aula, para pensarmos alguns elementos já citados, após a observação, pensamos ser necessário planejar atividades voltadas para a intervenção do aluno na aula, organizando suas hipóteses para possíveis diálogos, ao qual denominamos de “hipóteses heurísticas” – estas hipóteses heurísticas vêm a ser segundo Stella Maris Bortoni-Ricardo “as hipóteses que os alunos constroem no seu processo de aquisição de conhecimento” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.

1. É HORA DE PLANEJAR, E AGORA?

O ato de planejar muitas vezes, não raras, é tomado como único e não processual, o momento do planejamento hoje precisa ser pensado com muita acuidade e sensibilidade, não podemos o tomar ou mesmo entendê-lo como um martírio e desnecessário, e sim afirmá-lo em nossas práticas como imprescindível. Durante muito tempo o planejamento foi visto como algo indiscutível, não tinha a concepção da troca de saberes entre professores, alunos e a escola como um todo, seu modo de ser construído era caracterizado de forma isolada, sem nenhuma cooperação, discussão com os demais membros escolares.

Conforme aludido o planejamento não deve ser vedado, mas, ancorado por um processo decisório e entendido por todos os envolvidos no regime educacional. Diante disso afirma Dalmás (2008, p.25), “o planejamento é um processo. Esta característica parece ser a mais importante, pois, planejar não é algo estanque, mas uma ação contínua e globalizante”. E continua o autor “não há dúvidas de que planejar significa transformar, revolucionar. Só consegue seus objetivos quem realmente assume um processo de planejamento” (DALMÁS, 2008, p.25). Percebe-se pelo exposto que o planejamento assume um papel muito complexo e representa-se nos mais diversos espaços da instituição escolar, pensar em planejamento de início deve-se pensar para que público esteja se portando, quais as capacidades intelectuais dos sujeitos. Nesse sentido Libâneo (2013) nos alerta:

O planejamento da escola e do ensino dependem das condições escolares prévias dos alunos. De nada adianta introduzir matéria nova, se os alunos carecem de pré-requisitos. A introdução da matéria nova ou a consolidação da matéria anterior requerem necessariamente verificar o ponto de preparo em que os alunos se encontram a fim de garantir a base de conhecimento – habilidades necessárias para a continuidade da matéria. (LIBÂNEO, 2013, p.254).

Corroboramos com Libâneo, quando o mesmo não dispensa à possibilidade de retorno a matéria atribuindo este fazer como uma alternativa para vencer os desníveis entre os alunos. Mas, em contrapartida há os professores que não cõngrua com essa ideia, pois, acreditam que esse saber não aprendido é culpa do professor anterior, uma vez que este, não conseguiu passar os conteúdos necessários para o ano em que se encontravam os alunos, é um risco pensar dessa maneira, já que na ocasião do planejamento, deve-se refletir sobre essas particularidades dentro da sala de aula, levando em consideração os saberes macro e micro dos educandos. Nesse sentido, abordamos alguns elementos característicos do planejamento para nossa ação em sala de aula, antecedeu-se o planejamento uma observação *in loco* como dito anteriormente, a partir desse momento, problematizou-se o espaço escolar bem como pensamos os alunos que lá estavam alocados, sob os pressupostos dos saberes macro e micro. Assim sendo, procuramos estabelecer objetivos condizentes com os conhecimentos dos alunos não fugindo, do ano em que se encontravam os mesmos, a saber, 4º ano do ensino fundamental. Sendo assim, procuramos responder a seguinte indagação: por que é tão necessária a reflexão no momento do planejamento? Buscamos entender de início a necessidade do refletir, desse modo, nos guiamos no pensamento de Libâneo (2013) quando ele afirma que:

O planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções e ações; se não pensarmos detidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade. A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo; é antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes fundamentadas em opções político-pedagógica [...] (LIBÂNEO, 2013, p.246).

A partir desse momento, quando se deu o entendimento sobre o refletir, estabelecemos nossos objetivos de acordo com o desenvolvimento da turma, pois, durante a observação notou-se pouca participação dos alunos na aula, a figura docente coordenava as falas de acordo com sua vontade e escolha, entendemos ser necessário o aluno sentir-se motivado a participar da aula, levando a questionar e a falar por conta própria, elaborando seus questionamentos para

estabelecer participação ativa sob a mediação docente. Nesse ínterim, no momento do nosso planejamento levamos em consideração às hipóteses Heurísticas dos alunos, que segundo Bortoni-Ricardo (2008) são as hipóteses construídas pelos alunos no seu processo educacional e especificamente no espaço da classe, ou seja, é a organização das ideias feitas em grupo ou individual e apresentadas ao professor pelo aluno, mas, é notório ressaltar que, esses momentos de intervenção pelo aluno só se dará com a devida recepção pelo professor, no momento em que o aluno levantar pontos questionáveis e a reação do professor não for recíproca, causará um recuo por parte do aluno e possivelmente não sentirá motivação para a priori participar da aula novamente. Como conseguimos trabalhar com essas questões? Logo de princípio nosso objetivo geral já nos encaminhava para tal feito, nele almejavamos: promover as habilidades dos alunos levando em consideração os seus conhecimentos prévios, atentando a produção e as intervenções dos mesmos, fazendo com que eles organizassem suas intervenções em conjunto. A partir desse ponto, começamos a pensar mais especificamente o que queríamos ou esperávamos da turma, sempre pensado, na participação do aluno, então elaboramos 4 objetivos específicos, são eles:

- Despertar o interesse dos alunos pelas atividades e elevar a produção própria;
- Mostrar a importância do trabalho em grupo, ou seja, respeitar a posição do outro – ideias;
- Organização de ideias, postura corpórea e coerência ao falar;
- Mostrar a diferença entre o falado e o escrito através de paródia.

A concretização da atividade ocorreu como esperado, porém mesmo se tivéssemos falhado estávamos cientes, pois “somente sabemos que falhou porque fizemos uma previsão dos passos” (LIBÂNEO, 2013, p.248). Como toda aula, ou melhor, todo plano de aula apresenta métodos avaliativos, neste não foi diferente, mas, o método adotado baseia-se na perspectiva de Farias et al (2009, p.121) quando discute “os exercícios diários, os trabalhos individuais e de equipe, os portfólios, a auto-avaliação, a avaliação grupal e a observação planejada e sistematizada do desempenho do aluno [...]” como possibilidades avaliativas, tomamos essa direção apresentada pela autora, percebendo ao longo de todo desenvolver da atividade a participação dos alunos, como se posicionavam, ou melhor, como organizavam seu pensamento. Este método avaliativo nos possibilitou perceber a vontade de participação dos mesmos, a prontificação em fazer as atividades propostas, isto nos faz perceber que nas escolas públicas o que está faltando é mais colaboração e trabalho em conjunto, como dito anteriormente, o planejamento é um processo, e não algo estanque o fato da professora não possuir um plano de aula, pode apresentar desníveis nas atividades propostas por ela e a monotonia, visto que não há uma preocupação em levar atividades diversificadas, sempre trabalhando todos os dias, as mesmas coisas, sob argumentos que, o ano em que se encontrava os alunos era para verem isso e isso, mais esses conteúdos mesmo que repetitivos podem ser trabalhados de maneiras diferentes, para despertar nos alunos uma vontade em participar do novo, instigar a curiosidade, sem essa, não é possível avançar de estágio nenhum, ficaremos sempre esperando do outro, algo que já está morto, que é a curiosidade, como já dizia Rubem Alves “curiosidade é uma coceira que dá nas idéias...” e acrescenta o autor “a é o que impulsiona a aprendizagem, os olhos veem e o cérebro processa e surge a e a vem do desconhecido” a escola deve levar em consideração essa curiosidade do aluno.

1. A PRÁTICA PEDAGÓGICA E OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE

Ensinar é um exercício de imortalidade.

De alguma forma continuamos a viver

naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo

pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...

Rubem Alves

Hoje estamos diante de um dilema, qual seja: a prática pedagógica. O cotidiano das salas de aula torna-se cada vez mais questionáveis. E quando partimos para pensar os desafios enfrentados por professores na contemporaneidade logo nos deparamos com uma chuva de sentidos pejorativos e muitas vezes não temos um “guarda chuva” de defesas para nos impárrar-mos. Em entrevista o sociólogo francês François Dubet, relata a experiência que teve ao lecionar durante um ano em um colégio na França, o autor discorre sobre os principais desafios em ser professor, prioritariamente, qual o sentimento inicial do professor?

É extremamente cansativo dar a aula já que é necessário a toda hora dar tarefas, seduzir, ameaçar, falar (...). Por exemplo, quando a gente fala ‘peguem os seus cadernos’, são cinco minutos de bagunça porque eles vão deixar cair suas pastas, alguns terão esquecido seus cadernos, outros não terão lápis. Aprendi que para uma aula que dura uma hora, só se aproveitam uns vinte minutos, o resto do tempo serve para ‘botar ordem’, para dar orientações. Tive muitas

dificuldades. (DUBET, 1997, p.223)

Como é percebível essa realidade descrita não é a brasileira e o ano não é tempos atuais, então por que trazer esse referencial para dentro de um trabalho que se propõe discutir a prática pedagógica e os desafios de ser professor na contemporaneidade? Simplesmente por se tratar de experiência dentro do campo “sala de aula” e também como é possível perceber essa realidade transcrita não se diferencia muito da qual vivenciamos, esse texto escrito em 1997 parece bem contemporâneo, dar a impressão que foi escrito ontem. Sendo assim, o propósito desse tópico é pensar quais elementos estão presentes na prática pedagógica e mais especificamente trazendo nossa aproximação com o cotidiano da sala de aula para discutir os desafios de ser professor na contemporaneidade.

É imprescindível falar em prática docente e não falar na questão da indisciplina falta de acompanhamento por parte dos pais, questões socioeconômicas, culturais, etc. e quando falamos em ser professor em tempos contemporâneos mais uma vez iremos estar diante de dilemas, há quem diga que temos uma escola do século XIX, um professor e uma gestão do século XX e um aluno do século XXI, o que fazer então diante dessa situação? Como fazer a escola avançar nos patamares sociais e o professor avançar nas discussões educacionais? É justamente nesse sentido que colocamos os percalços da prática docente e os desafios em ser professor, por um lado, temos os discursos dos graduandos, quando hora, ou outra, lhes é perguntado sobre o estar no curso de licenciatura em pedagogia, quais as perspectivas, e como resposta obtemos, “há eu escolhi pedagogia, por que não tinha opção”, como imaginar esse sujeito dentro de uma sala de aula, problematizando-a, questionando os problemas educacionais e viabilizando propostas, ou melhor, como perceber autoridade de professor nesse professor? Sobre autoridade do professor, Libâneo (2013) nos diz que:

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como um estímulo e ajuda para o desenvolvimento independente dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. (LIBÂNEO, 2013, p.276)

Do ponto de vista prático, o maior desafio enfrentado na realização de nossa atividade foi a pouca autoridade para com os alunos, talvez por não entender com se portar diante da turma. Os conteúdos, não despertaram o interesse dos mesmos? Acreditamos que o problema não foi esse, pois, eles mostraram gostar muito do conteúdo e da atividade o que foi possível perceber foi à insegurança por parte dos docentes/discentes. Como afirma Libâneo (2013) A autoridade e a autonomia são dois polos do processo pedagógico. A autoridade do professor e a autonomia dos alunos são realidades aparentemente contraditórias, mas, de fato complementares. O professor representa a sociedade, exercendo um papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade. O aluno traz consigo a sua individualidade e liberdade. (LIBÂNEO, 2013, p.276)

A exacerbação da autoridade ou a exacerbação da autonomia ficou entre fronteiras? De fato sim, muitas vezes, nos encontrava no descontrole, sem saber se estávamos sendo autoritários, ou os alunos estavam não estava nos aceitando. Então a partir desse momento começamos a perceber que os alunos não estavam nos vendo como professores e sim como uma dupla que estava fazendo alguma coisa diferente do que a professora normalmente fazia, então, o que fazer diante dessa situação? Começamos a exercer o papel de professor com autoridade, e obrigá-los a fazer o que não queriam, dado que Libâneo (2013) coloca:

Por mais que o professor consiga a motivação e o empenho dos alunos e os estimule com elogios e incentivos, frequentemente deverá obrigá-los a fazer o que eles não querem. Nesse caso, os alunos devem estar cientes de que o não cumprimento das exigências terá conseqüências desagradáveis. (LIBÂNEO, 2013, p.278).

Além dessas atitudes, que são obrigatórias para o professor, percebemos ser necessário tomar determinados cuidados para não cairmos no autoritarismo, pois, segundo Hannah Arendt, “onde a força é usada a autoridade em si mesmo fracassou” percebemos a partir desse momento a importância crucial da autoridade do professor em sala de aula, levando em consideração a autonomia dos alunos.

Deste modo, outro desafio apontado por Nóvoa (2006) em relação ao trabalho docente, é em relação à análise da prática docente e a formação mais centrada na prática, sendo assim, Nóvoa (2006) nos afirma que:

A formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como. Têm o corpo e a cabeça cheios de teoria, de livros, de teses, de autores, mas não sabem como aquilo tudo se transforma em prática, como aquilo tudo se organiza numa prática coerente. Por isso, tenho defendido, há muitos anos, a necessidade de uma formação centrada nas práticas e na análise dessas práticas. (NÓVOA, 2006, p.14)

Já no ano de 1930, o norte-americano John Dewey, criava o nomenclatura professor reflexivo. Há exatamente 84 anos e mesmo tendo percorrido tanto tempo, ainda é possível encontrar professores que não refletem sobre sua

prática, (NÓVOA, 2006), o autor, fazendo referência há uma palestra ocorrida no ano supracitado, relata o caso de um professor que

[...] virou-se para ele e disse 'o senhor abordou várias teorias, mas eu sou professor há dez anos, eu sei muito mais sobre isso, tenho muito mais experiência nessas matérias'. Então, Dewey perguntou: 'tem mesmo dez anos de experiência profissional ou apenas um ano de experiência repetida dez vezes?' (NÓVOA, 2006, p.16).

Diante do evidenciado, é nítido a importância de refletir sobre a prática pedagógica sem a presença desta parece impossível distinguir o que é experiência e o que é repetição.

1. O QUE A PROFESSORA TEM A NOS DIZER?

"Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem...

O ato de ver não é coisa natural.

Precisa ser aprendido!"

Rubem Alves

Na busca pelo conhecimento, este implícito em suma nas relações sociais, e instigados a entender a prática docente pela ótica profissional, bem como, almejando alcançar uma compreensão da relação existente entre professor/aluno, aluno/aluno, dentro do espaço escolar e especificamente na sala de aula, realizamos uma entrevista semiestruturada com a professora cuja sala cedeu para que pudéssemos realizar nosso plano de aula, mas, o caráter da atividade não se resumia apenas a essa fase, por isso, a entrevista.

Percebeu-se durante a entrevista a simplicidade, sua fala expressa breves palavras, indiferença com algumas questões.

1. O Projeto Político-Pedagógico da escola é utilizado para elaboração dos planos de aula?

Em resposta a professora relata em poucas palavras. *"Não isso não. Temos o encontro de cada 15 dias dia de sexta com a coordenadora trabalhamos em equipe. E a coordenadora ler e passa informações sobre o PPP"* (PROFESSORA). É notório na fala da professora o não uso do PPP da escola por ela para elaboração dos planos de aula, tal como supracitado, foi solicitado no início da observação o plano de aula da professora, a mesma, relatou que não possuía um por que o nível de conhecimentos que os alunos se encontravam era necessário, apenas, leitura e escrita e operações básicas de matemática, havendo a presença desses conteúdos todos os dias da mesma forma. Em se tratando das funções reais do PPP, Veiga (2002) nos diz que:

O projeto político – pedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações do interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão. (VEIGA, 2002,).

Tomando essa definição das funções do PPP e fazendo um paralelo na fala da professora, essa responsabilidade coletiva e a desconstrução do mando impessoal estão presentes? A mesma coloca a figura da coordenadora como mediadora e leitora do plano, levando-nos a entender que a coordenadora diz o que cada professora deve fazer, e onde se encontra a democracia e coletividade?

A respeito do planejamento das aulas a professora nos diz que *"é feito a cada quinze dias caso ocorra alguma informação da secretaria ou outro imprevisto não se espera para os quinze dias"* (PROFESSORA), outro ponto questionado foi a respeito da assistência pedagógica, a professora nos relata: *"a qualquer hora que precisar"* (PROFESSORA).

1. Há reuniões pedagógicas frequentes? Que tipos de assuntos são tratados nessas reuniões? Há algum tipo de encontro para estudo, reflexão ou discussão sobre a prática docente?

A professora responde: *"alguma coisa que aconteça em relação aos alunos"* (PROFESSORA) é perceptível a falta de um arcabouço teórico por parte da professora, refletindo assim no próprio modo de responder os questionamentos. É possível compreender a partir da fala da professora e pela própria observação no contexto da escola que, esses momentos não são contínuos, há a ausência muito frequente da gestora e quando é possível encontrar a coordenadora essa se encontra muito ocupada e não tem tempo para conversar, como é possível imaginar essas reuniões acontecendo na correria, visto que esses momentos são de intensa reflexão?

Havia a presença de outras perguntas que compunham a entrevista, mas, a professora não respondeu sua

maioria alegando que a respostas das anteriores já contemplava as demais, insistimos, mais não adiantou, a mesma sempre falava sucintamente, e visto que a mesma não tinha nenhum interesse em responder as demais perguntas, não mais insistimos, não dificultou por completo nossa análise, mais a fragilizou e tivemos que percorrer outros caminhos para entender as questões propostas.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama apresentado traz uma reflexão sobre os processos constituintes da prática pedagógica e pensando esses elementos como norteadores ou não dos desafios do professor na contemporaneidade. Nesse momento abordamos o planejamento, a didática e a avaliação, entendidos como pilares da prática docente e essencial para a aprendizagem dos alunos. Percorremos trilhas, tentando rastrear através de uma observação esses elementos na prática pedagógica de uma professora de 4º ano do ensino fundamental em uma escola pública de Santana do Ipanema. Não ficando apenas na observação, pois tínhamos que trabalhar esses elementos na sala aula durante a realização de uma aula, e foi justamente nesse momento que pensamos os principais desafios em ser professor na contemporaneidade, com a materialização do plano de aula, tratando conteúdos distintos abordando os três elementos supracitados: planejamento, didática e avaliação.

Pensando os elementos em separados a começar com o planejamento, foi possível perceber que não é possível planejar sem uma reflexão da sala de aula a construção de um perfil da turma, se não é, torna-se uma tarefa difícil quando o professor associa um determinado nível de ensino com a aplicação de conteúdos unívocos, afirmando não ser necessário outros, entretanto, vale ressaltar que à hora de planejar é um momento ímpar para a prática pedagógica, é nesse instante que procuramos pensar sobre quem é meu aluno? Onde vive meu aluno? Quais conhecimentos possuem meu aluno? Esse último questionamento é bem pertinente, pois, muitas vezes, o professor tende a repetir conteúdos já apreendidos pelos alunos, fazendo com que o aluno não galgue outros saberes, de certa forma, matando a curiosidade do aluno.

Em relação à didática, entendia como as metodologias de ensino, torna-se uma corrente do planejamento, não é possível pensar a didática separada da ação de planejar. Etimologicamente metodologia vem do grego e significa caminho para se chegar a um determinado objetivo (LUCKESI, 2011), indagamos: onde são definidos os objetivos? No planejamento, sendo assim, é notório, a relação proximal entre didática e planejamento. Quanto à avaliação podemos situar-nos dentro de uma lógica estabelecida no decorrido texto, investir na avaliação processual e na auto-avaliação, mas, não estamos aqui condenando as avaliações a médio e a longo prazo, e sim dispensando-as como únicas formas de avaliação. Em nosso momento de aula estabelecemos a avaliação processual avaliando o envolvimento do aluno nas atividades propostas, como organizava seu pensamento trabalhando em grupo, respeitando a vez e voz do outro.

1. REFERÊNCIAS

- DALMÁS, Angelo. **Planejamento participativo na escola**. 14. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- DUBET, F. entrevista com François Dubet. São Paulo, **Revista Brasileira de Educação**, n. 5, maio/ago, 1997.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 3. Ed. São Paulo, 2011.
- NÓVOA, Antônio. Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo. **SINPRO-SP**, São Paulo. 2007. Disponível em< http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf> acesso em 09.12.13.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: **Projeto Político-Pedagógico da escola**: uma construção possível. 14ª. ed. Papirus, 2002.

[1] Licenciando em pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas, campus II.
E-mail: andressotorres@hotmail.com

Recebido em: 01/07/2015

Aprovado em: 01/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: